



Conciliação trabalho-família em adultos em formação nos Centros Novas Oportunidades



Cláudia Andrade¹

Resumo

O presente estudo pretende reflectir sobre a problemática da conciliação de papéis familiares e profissionais junto de adultos que frequentaram Centros Novas Oportunidades. Parte dos contributos retirados de 40 entrevistas exploratórias efectuadas no âmbito do Projecto “Centros Novas Oportunidades: da promoção da literacia familiar ao sucesso escolar das crianças”. Na primeira parte faz-se alusão aos estudos efectuados sobre o tema das relações trabalho-família centrando esta temática no conflito de papéis e destacando as diferenças de género para este domínio. Na segunda parte, e na linha dos modelos de análise das relações trabalho-família mais recentes, são apontadas estratégias adoptadas pelos indivíduos que demonstram a existência de transferências positivas no exercício concomitante dos diferentes papéis de vida.

1. Introdução

A percentagem da população portuguesa qualificada permanece bastante baixa, quando comparada com outros países europeus (Martins, Mauritti & Costa, 2005). Este facto tem efeitos directos tanto na qualificação da mão-de-obra portuguesa, como na capacidade do país corresponder às exigências das actuais “sociedades do conhecimento”. Por esse motivo, nos últimos anos tem sido feito um esforço político para trazer de volta para o sistema de ensino indivíduos que já estão no mercado de trabalho, nomeadamente para completar os níveis do ensino secundário. Uma vez que se trata de um fenómeno recente no contexto nacional, poucos estudos se têm debruçado sobre os desafios e necessidades de apoio que são específicos desta população, nomeadamente no que refere à gestão que fazem da sua actividade profissional, o seu papel familiar e a frequência de um sistema educacional como é o caso da frequência de um processo de RVCC. Uma compreensão da forma como estes adultos que são pais gerem os seus múltiplos papéis afigura-se como imprescindível para sustentar o desenvolvimento de políticas e de programas que possam reduzir as barreiras e apoiar os desafios com que se confronta esta população

tradicionalmente pouco estudada. Estes programas podem também promover efeitos positivos e duradouros nos filhos destes pais trabalhadores que frequentam o processo de RVCC, ao facilitar mais experiências positivas decorrentes da frequência da formação dos pais e ao aumentar a probabilidade de, eles próprios, progredirem com sucesso na sua escolaridade.

2. Relações trabalho-família: do conflito à conciliação de papéis

A literatura sobre as relações família-trabalho tem sido centrada numa perspectiva de conflito de papéis. Apesar do exercício do papel profissional ser indispensável à manutenção económica da família, a gestão das obrigações familiares e profissionais não está isenta de conflitos. Segundo Greenhaus e Beutell (1985), os indivíduos possuem uma quantidade limitada de recursos psicológicos e fisiológicos em termos, por exemplo, de tempo, atenção e energia, o que torna difícil fazer face às diferentes exigências de cada papel, podendo surgir o conflito entre papéis. Mais especificamente, Greenhaus e Beutell (1985), evidenciaram três formas de conflito trabalho-família: conflito *baseado no tempo*, conflito *baseado na tensão* e conflito *baseado no comportamento*. O conflito baseado no tempo implica que os múltiplos papéis que o indivíduo desempenha competem entre si em termos de tempo, ou seja, o tempo dispendido num

¹ Escola Superior de Educação de Coimbra
Investigadora do Centro de Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.



papel interfere com a disponibilidade de tempo para o outro papel. O conflito baseado na tensão implica que a pressão criada no âmbito do desempenho de um dos papéis dificulta o cumprimento das exigências do outro papel. Por exemplo, as pressões para o desempenho, as pressões psicológicas e os problemas interpessoais levam a irritabilidade, fadiga ou apatia, o que afecta, necessariamente, o desempenho do outro papel. O conflito baseado no comportamento corresponde a padrões comportamentais específicos de um determinado papel que podem ser incompatíveis com as expectativas comportamentais de outro papel. Por exemplo, um estilo de comportamento no desempenho do papel profissional que é pautado por poder, autoridade e impessoalidade pode ser incompatível com comportamentos esperados na esfera familiar que exigem afectuosidade, carinho e relações próximas.

A maioria dos estudos sobre o conflito de papéis tem centrado a sua atenção na transferência de atitudes ou “estados de humor negativos” de um domínio para o outro, bem como nos efeitos da competição na utilização do tempo disponível para o exercício de cada papel, isto é, no conflito baseado na tensão e no tempo (Edwards & Rothbard, 2000). Greenhaus e Beutell (1985) assumem também uma conceptualização bi-direcional do conflito inter-papéis defendendo a distinção entre a interferência do papel profissional no papel familiar e a interferência do papel familiar no papel profissional. O conflito entre o papel profissional e o papel familiar ocorre quando a participação ou as emoções associadas à actividade profissional têm um efeito negativo no exercício do papel familiar. Pelo contrário, a interferência do papel familiar no papel profissional ocorre quando a participação numa actividade familiar colide com a participação numa actividade profissional (Greenhaus & Beutell, 1985). De um modo geral, as pressões profissionais têm sido identificadas como uma fonte poderosa de conflito trabalho-família, enquanto que as pressões familiares estão mais fortemente relacionadas com o conflito família-trabalho (Frone, Yardley & Markel, 1997a).

No entanto, a investigação tem-se debruçado mais sobre a influência negativa da esfera profissional no desempenho do papel familiar do que o oposto (Frone *et al.*, 1992a; Frone *et al.*, 1997b; Greenhaus & Beutell, 1985; O’Neil, Greenberger, & Marks, 1994). Os autores justificam esta tendência pelo facto das interferências do domínio profissional no domínio familiar serem as mais frequentes (Frone *et al.*, 1992a; Grzywacz &

Bass, 2003; Gutek, Searle & Klepa, 1991), possivelmente devido à permeabilidade assimétrica das fronteiras entre o domínio familiar e profissional (Pleck, 1977 cit. por Frone, Russel & Cooper, 1992b). Isto poderá significar que é mais tolerado que o domínio familiar seja influenciado pelas exigências profissionais, do que o domínio profissional pelas exigências familiares. Tal tolerância é reforçada pelo facto das tarefas de âmbito familiar serem mais flexíveis do que as tarefas do domínio profissional. Com efeito, as tarefas familiares podem ser efectuadas de acordo com horários mais flexíveis ou mesmo não chegarem a ser cumpridas integralmente pelos próprios (por exemplo, a limpeza, o cuidado das roupas, etc.).

Mesmo existindo uma quantidade apreciável de estudos centrados sobre o conflito de papéis e suas consequências, a análise das relações entre papéis profissionais e familiares não se esgota nesta perspectiva. A “Teoria da Valorização do Papel” (*Theory of role enhancement*) constitui-se como um dos primeiros quadros teórico, que parte do pressuposto de que a actividade profissional pode influenciar positivamente a família, e vice-versa (Sieber, 1974). A tese fundamental do autor baseia-se no princípio segundo o qual o desempenho simultâneo de vários papéis, ou a acumulação de papéis, facilita o acesso a recursos, que podem ser úteis para o desempenho de outros papéis (por exemplo, os recursos económicos provenientes do exercício de uma actividade profissional podem ser utilizados na melhoria das condições de vida familiar). Assim, os recursos obtidos, bem como, as competências individuais desenvolvidas no exercício concomitante de vários papéis, podem desencadear resultados positivos, tanto no domínio familiar, como no domínio profissional. Alguns estudos demonstraram a influência positiva do exercício de uma actividade profissional remunerada, no exercício mais satisfatório do papel parental (Hughes & Galinsky, 1994). Outros estudos comprovaram que os sentimentos de bem-estar físico e psicológico, decorrentes do exercício do papel profissional, têm repercussões positivas na vivência do papel familiar (Barnett & Hyde, 2001). Parece, portanto, que a possibilidade de investir em vários papéis de vida pode ser vista como um estímulo e um desafio, que potencia o desenvolvimento do indivíduo e do casal.

Assim, o conceito de “Equilíbrio de Papéis” (*Role balance*) de Marks e MacDermid (1996) realça que, apesar do mesmo indivíduo poder estar intensamente envolvido num ou noutro



papel, consoante as circunstâncias, o “equilíbrio dos papéis” apresenta-se como uma orientação geral, ou corresponde a uma certa predisposição para integrar os múltiplos papéis de vida. Esse equilíbrio organiza-se, deste modo, em torno de comportamentos que actuam transversalmente em todos os papéis de vida e que permitem alcançar um equilíbrio satisfatório, ao nível da concretização de cada um deles (Marks & MacDermid, 1996). De acordo com esta perspectiva, o indivíduo faz ajustamentos constantes, transferindo aspectos positivos de um papel para outro, tanto na profissão como na família, de modo a que o resultado final traduza um sentimento de equilíbrio. Contudo, é de realçar que este equilíbrio é dinâmico e sustentado pelas experiências e aprendizagens que são transferidas do trabalho para a família, e vice-versa (Marks & MacDermid, 1996).

3. Relações trabalho-família durante a frequência dos Centros Novas Oportunidades: implicações pessoais e familiares

Ora, a partir dos resultados de entrevistas² vamos dar conta, justamente, das articulações entre os papéis profissionais e familiares durante a frequência do processo de RVCC e as estratégias utilizadas para a articulação destes papéis. Iremos ainda debater o modo como a articulação família-trabalho se reflectiu, mais especificamente, ao nível das relações pais-filhos.

Assim, no que se refere à exploração da gestão do tempo para família e para o trabalho durante a realização do processo de RVCC 53% dos entrevistados considerou que, de uma forma geral, conseguiram fazer uma boa conciliação de papéis durante a frequência do processo RVCC e que este não retirou tempo nem para família ou nem para o trabalho. Contudo, 48% considerou ter vivido momentos de conflito de papéis, revelando o processo RVCC lhes retirou tempo para a família ou ao trabalho.

“Meter este trabalho (processo de RVCC) no meio da família, no meio da casa e no meio do emprego, digo-vos foi mesmo complicado em todos os aspectos (...)”

(E12; Sexo feminino; Meio Rural; Região Centro)

² Resultados obtidos com uma amostra de conveniência de 40 indivíduos que terminaram o processo de RVCC e que têm, pelo menos um filho, a frequentar o 1º ciclo do ensino básico.

Dos 53% dos entrevistados que consideram o processo de RVCC não colidiu com a gestão dos papéis familiares e profissionais apontam, como razão principal para o seu sucesso a facto de serem eficientes na gestão do tempo.

“Eu não acho que me tenha roubado algum tempo, se calhar eu aproveitei foi melhor o tempo, deixei de fazer coisas que se calhar não são tão importantes (...)”

(E14; Sexo feminino; Meio Rural; Região Centro)

Noutros casos os indivíduos apontam para soluções que implicam uma negociação prévia de actividades na família.

“É assim, também foi falado com a família, porque quando entro nestas acções falo sempre com a família, principalmente com a mulher, para ela também compreender um pouco que eu tenho que desligar (...) refugio-me um pouco ali dentro sozinho, para poder desenvolver os meus trabalhos, os meus projectos, e os meus estudos e tento sempre fazer. (...) Eles aceitaram e pronto! Quando isso acontece peço sempre a opinião da mulher”.

(E31; Sexo masculino; Meio Suburbano; Região LVT)

“Também não me roubou tempo nenhum. E como eu já disse. E uma questão de gerir o tempo e dedicava-me a fazer os trabalhos do RVCC quando o meu filho e a minha mulher já estavam a dormir.”

(E8; Sexo masculino; Meio urbano; Região Centro)

4. Relações trabalho-família durante a frequência dos Centros Novas Oportunidades: questões de género e relações pais-filhos

Quando evocamos as relações família-trabalho não é possível esquecer que esta questão não tem as mesmas implicações para homens e para mulheres. Na realidade, os estudos sobre as relações família-trabalho surgiram como consequência das mudanças sociais ocorridas nos países industrializados, onde se verificou a entrada da mulher no mercado de trabalho. A presença generalizada, nas últimas décadas, das mulheres no campo laboral teve consequências directas na vida familiar, na medida em que se rompeu, parcialmente, com o modelo de complementaridade entre homens e mulheres. Modelo este que assentava na diferenciação de tarefas entre os dois sexos,



segundo o qual o trabalho remunerado era da responsabilidade masculina e o trabalho não remunerado, isto é familiar, era da responsabilidade feminina. Este facto criou novos desafios e dilemas para os indivíduos e para as famílias, introduzindo alterações nos papéis de género, tanto no domínio profissional como no familiar.

O estudo da integração harmoniosa das relações trabalho-família tornou-se, assim, particularmente saliente dando origem a um conjunto de quadros de análise conceptual e de estudos empíricos. Estes estudos, salientam, em geral, que as dificuldades sentidas na articulação entre papéis profissionais e familiares são mais intensas e frequentes nas mulheres (Zimmerman, Haddock, Current & Ziemba, 2003). Se actualmente, e para o contexto nacional, as responsabilidades relativas ao trabalho profissional parecem ser partilhadas por homens e mulheres, o mesmo não acontece no domínio familiar: as tarefas domésticas e cuidado dos filhos continuam a ser maioritariamente da responsabilidade feminina (Fontaine, Andrade, Matias, Gato & Mendonça 2007; Torres, 2004; Wall, 2005). Esta realidade coloca obstáculos à conciliação dos dois domínios para as mulheres, podendo mesmo criar um conflito entre papéis profissionais e familiares. Apesar desta realidade, particularmente penalizadora para as mulheres, ter sido documentada por alguns estudos, as mudanças nos papéis de género estimulam também um maior investimento dos homens na vida familiar, nomeadamente ao nível dos cuidados aos filhos, podendo, também para estes, surgir um quadro de conflito de papéis. Apesar do papel evidente que as ideologias de género têm tido na divisão do trabalho familiar e profissional, a análise dos efeitos moderadores do género na relação trabalho-família não têm sido alvo de muita atenção por parte da literatura. Assim, das mudanças sociais que afectam os papéis de género parece que a diferenciação em função do sexo do exercício dos papéis profissionais e familiares é ainda visto como uma base legítima e ideologicamente aceitável para a distribuição dos direitos, poder e responsabilidades (Franks, 1999; Hughes & Galinsky, 1988; Poeschl, 2002). Embora, nos contextos de trabalho actuais, a mulher exerça a sua actividade em quase todos os sectores de actividade e possua horários de trabalho e exigências, na maioria dos casos, idênticas às dos homens (Cabral-Cardoso, 2003; Gutek *et al.*, 1991; Peterson & Gerson, 1993), não se observa uma repartição equivalente das tarefas familiares, entre homens e mulheres. Ou seja, a

participação das mulheres no mercado de trabalho, não tem tido correspondência dos homens na participação no trabalho não pago (Perista, 2002; Stier & Lewin-Epstein, 2000; Torres, 2004). De facto são as mulheres que são maioritariamente responsáveis pelo desenvolvimento emocional e intelectual dos filhos o que poderá implicar que estas sintam, de forma mais activa, sentimentos de “culpa” quando não conseguem integrar de forma harmoniosa as suas actividades fora do lar com o cuidado das crianças.

“Quando nos mandam alguma coisa para casa (...) chateamos e são os pequenos que às vezes ouvem sem terem culpa nenhuma... e depois arrependemo-nos no fim.”

(E29; Feminino; Meio Rural; Região Norte)

Apesar de esta realidade ainda estar presente em muitas sociedades a verdade é que as expectativas sobre os papéis parentais têm sofrido também alterações significativas. Assim, um “bom pai” já não é um ganha-pão ausente e benevolente. É esperado cada vez mais que o pai esteja intimamente envolvido nos aspectos da vida da criança, desde o brincar ao cuidar, ao alimentar e ajudar nas tarefas da escola (Jacobs & Gerson 2004). Estes dados parecem ser também válidos em Portugal, onde se considera que o elemento masculino do casal deve também dedicar-se a família, colocando os interesses desta acima de outros assuntos (Andrade, 2006; Poeschl, 2002). Esta realidade encontra-se também expressa nos depoimentos de alguns pais entrevistados.

“ – Oh, eu não faço hoje, vou fazer amanhã porque já chega e já passa do tempo”. Porque estamos a dar uma hora, duas horas àquilo (trabalho) e aquela pessoa (filho) a precisar de nós”

(E24; Sexo masculino; Meio urbano; Região Norte)

“Na hora de jantar, que chegava a casa e vinha jantar sozinho, na hora de ir tomar o café, na hora de ir ajudar o meu filho nos deveres, por exemplo havia um dia ou outro que eu vinha para a escola e ele às vezes ainda não estava em casa porque estava em casa do primo ou assim, e quando chegava eu já estava a dormir... esse género de coisas assim.”

(E27; Sexo masculino; Meio Rural; Região Norte)

Outro aspecto particularmente relevante para as exigências crescentes da maternidade e da paternidade diz respeito



ao papel privilegiado que a criança ocupa no contexto da família. De facto, ter uma criança implica actualmente maiores investimentos nos planos afectivos, relacionais e mesmo materiais que possibilitem percursos escolares mais longos tendo em vista a sua futura inserção profissional.

Adicionalmente, a preocupação, em particular dos pais, em promover o desenvolvimento cultural e social das crianças. Nesse sentido a família desempenha um papel fundamental no sucesso escolar das crianças, sendo muitas vezes referenciado pela literatura que os pais são os primeiros professores e que a casa e a primeira escola (Bandura, 1997; Morrow, 1995). De acordo com Epstein (1990), os pais contribuem para o desenvolvimento intelectual das crianças de diversas formas que incluem actividades como preparar os filhos para o ingresso na escola, valorizando a educação e encorajando os filhos a acreditar nas suas capacidades para enfrentar com sucesso as tarefas escolares. Importante é também salientar que estas influências podem ser recíprocas, ou seja, também podem ocorrer de filhos para pais como é caso que se ilustra a seguir.

“Foi muito engraçado, porque eu conseguia com que a minha filha (...) até partilhassem comigo e até estivéssemos mais tempo, porque também me ajudava a fazer o trabalho.”

(E4; Sexo feminino; Meio Urbano; Região Centro)

5. Reflexões finais

O interesse pelas relações entre o exercício concomitante de papéis profissionais e familiares surgiu como consequência do aumento do número de mulheres que começou a aliar ao seu papel na família a um papel activo ao nível do mercado de trabalho. Esta realidade alterou o funcionamento familiar, onde o tradicional modelo do elemento masculino como “ganha-pão” e do elemento feminino como responsável pela manutenção da harmonia da família e do lar, deu lugar a um modelo onde ambos os elementos do casal são sustentadores económicos da casa. Este novo modelo familiar levou os cientistas sociais, numa primeira fase, a preocuparem-se com as possíveis consequências negativas da competição, para as mulheres, entre o exercício de uma actividade profissional e a organização da vida familiar, ao nível da execução das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos. Assim, os primeiros estudos sobre a

temática salientam as repercussões negativas do conflito entre papéis familiares e profissionais, com especial incidência para o conflito de papéis sentido pelas mulheres. Estes estudos apontaram para a necessidade de se considerar que os domínios profissionais e familiares são interdependentes e estão sob a influência dos papéis de género, dado que estes definem a divisão de papéis, tanto na família como no trabalho.

Nesta linha, a compreensão da forma como os adultos que são pais e que frequentaram o processo de RVCC gerem os seus múltiplos papéis parece imprescindível para fundamentar o desenvolvimento de políticas, programas e recursos que possam apoiar os desafios com que confronta esta população. Para além deste aspecto estes programas e recursos podem promover efeitos positivos e duradouros nos filhos destes pais trabalhadores, ao facilitar mais experiências positivas decorrentes da frequência da formação dos pais e ao aumentar a probabilidade de, eles próprios, progredirem com sucesso na sua escolaridade.



Bibliografia

- Andrade, C. (2006). *Antecipação da conciliação dos papéis familiares e profissionais na transição para a idade adulta: Estudo diferencial e intergeracional*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: W.H. Freeman and Company.
- Barnett, R. C. & Hyde, J. S. (2001). Women, men, work, and family: an expansionist theory. *American Psychologist*, 56, 781-796.
- Cabral-Cardoso, C. (2003). *A igualdade de oportunidades entre homens e mulheres em contexto empresarial*. Braga: Escola de Gestão da Universidade do Minho.
- Edwards, J. & Rothbard, N. (2000). Mechanisms linking work and family: clarifying the relationship between work and family constructs. *The Academy of Management Review*, 25, 178-199.
- Epstein, J. (1990). School and family connections: theory, research, and implications for integrating sociologies of education and family. In D. Unger & M. Sussman (Eds.), *Families in community settings: interdisciplinary perspectives* (pp. 99-126), New York: Haworth.
- Fontaine, A. M., Andrade, C., Matias, M., Gato, J. e Mendonça, M. (2007). Family and Work division in Portuguese dual-earner families. In Isabella Crespi (Ed.), *Gender Mainstreaming and Family Policy in Europe: perspective, researches and debates*. Macerata, Italy: Edizioni Simple
- Franks, S. (1999). *Having none of it: women, men and future of work*. London: Granta Publications.
- Frone, M. R., Yardley, J. K., & Markel, K. S. (1997). Developing and testing an integrative model of the work-family interface. *Journal of Vocational Behavior*, 50, 145-167.
- Frone, M. R., Russel, M. & Cooper, M. L. (1997). Relation of work-family conflict to health outcomes: a four-year longitudinal study of employed parents. *Journal of Occupational & Organizational Psychology*, 70, 325-335.
- Frone, M.R., Russell, M. & Cooper, M. L. (1992). Antecedents and outcomes of work-family conflict: testing a model of work-family interface. *Journal of Applied Psychology*, 77, 65-78.
- Greenhaus, J. H., & Beutell, N. J. (1985). Sources of conflict between work and family roles. *Academy of Management Review*, 10(1), 76-88.
- Grzywacz, J. G. & Bass, B. L. (2003). Work, family, and mental health: testing different models of work-family fit. *Journal of Marriage & Family*, 65, 248-261.
- Gutek, B. A., Searle, S. & Klepa, L. (1991). Rational versus gender role explanations for work-family conflict. *Journal of Applied Psychology*, 76, 560-568.
- Hughes, D. L. & Galinsky, E. (1994). Work experiences and marital interactions: elaborating the complexity of work. *Journal of Organizational Behavior*, 15, 423-438.
- Jacobs, J. & Gerson K. (2004). *The time divide: Work, Family and Gender Inequality*. Harvard: Harvard University Press
- Marks, S. & MacDermid (1996). Multiple roles and the self: a theory of role balance. *Journal of Marriage and Family*, 58, 417-430.
- Martins, Mauritti & Costa (2005). *Condições socioeconómicas dos estudantes do Ensino Superior em Portugal*. Lisboa: Direcção-Geral do Ensino Superior.
- Morrow, L. (1995). *Family literacy: Connections in schools and communities*. New Jersey: International Reading Association Incorporated.
- O'Neil, R., Greenberger, E. & Marks, S. (1994). Patterns of commitment to work and parenting: implications for role strain – Comment/reply. *Journal of Marriage and the Family*, 56, 101-110.
- Perista, H. (2002). Género e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens. *Análise Social*, 37, 447-474.
- Peterson, R. R. & Gerson, K. (1993). A social-structural explanation of men's and women's domestic responsibility: a reply to Hawkins and Olsen. *Journal of Marriage & Family*, 55, 508-510.
- Poeschl, G. (2000). Trabalho doméstico e poder familiar: praticas, normas e ideias. *Análise Social*, 35 (156), 695-719.



- Sieber, J. E. (1974). Effects of decision importance on ability to generate warranted subjective uncertainty. *Journal of Personality and Social Psychology*, 30, 688-694.
- Stier, H. & Lewin-Epstein. (2000). Woman's part-time employment and gender inequality in the family. *Journal of Family Issues*, 21, 390-410.
- Torres, A. C. (2004). *Vida Conjugal e Trabalho: Uma perspectiva Sociológica*. Oeiras: Celta Editora.
- Wall, K. (1995). Apontamentos sobre a família na política social portuguesa. *Análise Social*, 30, 431-458.
- Zimmerman, T., Haddock, S., Current, L. & Ziemba, S. (2003). Intimate partnership: foundation to the successful balance of family and work. *American Sociological Review*, 59, 327-347.